

COMO ESTAMOS TRATANDO A NOSSA “GALINHA DOS OVOS DE OURO”?

José Antônio de Ávila Sacramento

O conjunto do Chafariz e Estátua da deusa Ceres, situado em Matosinhos, no seu mais completo abandono, “presenciou” a diretoria da Ferrovia Centro Atlântica colocar aquele tapume que “enjaulou” a histórica Estação de Chagas Dória... Tudo aconteceu bem próximo ao local onde, no século passado, já foram cometidos os graves pecados contra o magnífico Pavilhão e a histórica Igreja do Bom Jesus. Diante desses fatos agressivos, pessoas amantes da cidade ou ligadas aos meios culturais observam e comentam outras coisas que ainda acontecem nesta “mui nobre e leal Villa de São João d’El-Rey”.

Comentam sobre um ponto de parada para ônibus urbano, instalado bem defronte da Igreja de São Francisco de Assis, o qual prejudica a visibilidade do templo, atrapalhando também a filmagem e a obtenção de boas fotografias pelos turistas que nos visitam.

Observam uma outra situação que vem originando críticas ao setor municipal de trânsito: a permissão para o estacionamento de veículos em frente à fachada da majestosa Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Os turistas sempre fazem ginástica e procuram ângulos mais favoráveis para fotografar e/ou filmar aquele templo, mas como quase nunca os encontram, desanimados, levam fotos da igreja ornada com os

muitos veículos, ou então fotografam a lateral da igreja, ou então apenas a sua rica portada.

Alguns outros comentam que aqueles rústicos abrigos para passageiros, construídos bem em frente ao histórico “Chafariz da Legalidade” (datado de 1833), poluem visualmente a área e impedem a boa observação do monumento. Não chegam a questionar a possível beleza e nem a utilidade deles. Simplesmente argumentam que diante daquele belo chafariz deveria ser instalado algo mais simples e vazado, que não impedisse ou concorresse com a boa observação do monumento.

Para aumentar ainda mais uma triste relação, outros observam que lamentavelmente uma (mais outra!) casa de expressivo valor arquitetônico-cultural, situada na praça Raul Soares, foi jogada ao chão; que o monumento ao Cristo Redentor está abandonado e visto de longe mais parece com um paliteiro, devido a tantas torres de comunicação que o envolvem; que as estruturas metálicas, os telhados de zinco e de amianto proliferam no coração e no entorno do centro histórico; que os nossos jardins, salvo os que foram adotados pela população, carecem de melhores cuidados; que o Córrego do Lenheiro continua sendo uma rede de esgoto a céu aberto; que as ruas estão bastante sujas e

que há animais soltos nelas; que árvores nobres continuam sendo cortadas numa cidade já carente de áreas verdes; que barracas de lata ou trailers invadem áreas públicas impunemente; que o antigo Patronato continua sendo subutilizado; que o trânsito pesado circula livremente na área histórica; que a população não cultua a memória de seus ilustres contemporâneos, a do Tiradentes por exemplo; que a nossa memória está se perdendo sob as goteiras e que os documentos estão sendo queimados, desprezados... e por aí vai essa lista que é bastante extensa...

Comentários com críticas construtivas bem fundamentadas, sobretudo se emitidos com base em boas argumentações, devem ser sempre levados em boa conta. De minha parte, como observador e amante das belas coisas ainda existentes nesta cidade, faço coro com estas lamentações, as quais, em sua maioria, são oriundas da “voz rouca das ruas”. Acredito que devemos ser bem mais cuidadosos com o nosso patrimônio. Reconheço que algumas iniciativas em benefício da cidade estão sendo bem articuladas, e em sua maioria, patrocinadas pela nossa agora Universidade Federal ou pela iniciativa privada. Outras, ainda que bastante tímidas, estão sendo levadas a efeito pelo Poder Executivo, como o desassoreamento do Lenheiro e

a pintura do Paço Municipal, atitudes que já configuram um bom começo.

Diante de um quadro preocupante, torna-se necessário que outras e melhores medidas sejam tomadas urgentemente, em benefício do nosso patrimônio cultural. Do Poder Público, de quem esperamos um maior envolvimento com esta nobre causa, devemos cobrar uma ação eficaz e que menos interfira na originalidade dos nossos monumentos ou sítios históricos. Afinal de contas as nossas betas se esgotaram e o nosso ouro já se acabou. O grande tesouro que hoje possuímos é a nossa História, a nossa arquitetura, o nosso acervo patrimonial, quer seja ele material ou imaterial. Então é preciso aprender a explorar urgentemente esse “novo filão aurífero”; se soubermos explorá-lo bem e em nosso favor, essa imensurável riqueza poderá ser convertida na redefinição econômica e social desta região. Ouvi, dia desses, “as vozes roucas das ruas” também afirmarem que esse magnífico patrimônio seria como se fosse a nossa “galinha dos ovos de ouro”... Se tudo é assim, para terminar, deixo aqui o meu estrondoso brado, convertido num pedido para que tomemos os devidos cuidados e que não mutilemos ou sacrifiquemos a essa formidável “galinha dos ovos de ouro”!

TRIBUNA SANJOANENSE

São João del-Rei – MG, edição de 28 de maio de 2002, pág. 4